



A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COMPORTAMENTO ECONÔMICO DOS JOVENS

DANTAS, Matteo Vincenzo Povoleri de Figueiredo¹
Centro Universitário Academia – UniAcademia
TEIXEIRA, Wesley Carminati²
Centro Universitário Academia – UniAcademia

Linha de Pesquisa: Administração Financeira e Orçamentária

RESUMO

A Educação Financeira é fundamental para o desenvolvimento da capacidade dos indivíduos em gerir seus recursos de forma consciente, promovendo decisões mais equilibradas em relação ao consumo, poupança e investimentos, além de contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida. Apesar de sua importância, muitos jovens ainda enfrentam dificuldades na administração financeira, o que pode levar ao endividamento e comprometer seu bem-estar econômico. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar o impacto da Educação Financeira nas decisões econômicas de jovens brasileiros, buscando compreender como esse conhecimento influencia seus comportamentos relacionados a ganhos, gastos, poupança e investimentos. A pesquisa, de caráter descritivo, foi conduzida com uma amostra de 72 participantes, predominantemente jovens entre 18 e 29 anos. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 17 questões que abordaram aspectos sociodemográficos, comportamento financeiro, nível de conhecimento e decisões econômicas. Os resultados revelaram lacunas significativas no conhecimento financeiro dos respondentes e hábitos financeiros pouco estruturados, especialmente no que diz respeito ao planejamento financeiro e à formação de reserva de emergência. Esses achados destacam a necessidade urgente de ampliar as iniciativas de Educação Financeira, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral, para capacitar os jovens a tomarem decisões mais conscientes e sustentáveis. Ademais, os resultados indicam a importância de novos estudos que aprofundem a compreensão do tema e proponham estratégias eficazes para reduzir o endividamento e a vulnerabilidade financeira entre os jovens.

Palavras-chave: Educação Financeira. Decisões Econômicas. Jovens. Endividamento. Planejamento financeiro. Consumo Consciente. Investimentos.

¹ Graduando em Administração pelo Centro Universitário Academia – UniAcademia.

² Professor orientador do curso de Administração pelo Centro Universitário Academia – UniAcademia.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Financeira tem ganhado destaque no Brasil, especialmente diante do atual cenário econômico, marcado por altas taxas de endividamento e baixos índices de poupança. Em um contexto em que a gestão consciente dos recursos financeiros é essencial para o bem-estar individual e coletivo, entender como os jovens lidam com o dinheiro torna-se uma questão estratégica para o desenvolvimento social.

Este trabalho investiga como a Educação Financeira influencia as decisões econômicas de jovens brasileiros entre dezoito e vinte e nove anos — faixa etária marcada por transições como o ingresso na universidade, no mercado de trabalho e o início da independência financeira. Consideram-se tanto os aspectos formais da educação (escolas, universidades e programas governamentais) quanto os informais (família, internet e redes sociais) na formação de comportamentos econômicos mais conscientes.

A relevância do estudo está na possibilidade de propor estratégias que estimulem uma sociedade financeiramente mais preparada, composta por jovens capazes de tomar decisões fundamentadas e sustentáveis. A Educação Financeira, nesse contexto, contribui não apenas para a estabilidade individual, mas também fortalece a cidadania e promove a inclusão social ao reduzir desigualdades e ampliar o acesso ao conhecimento.

Busca-se, portanto, compreender os principais desafios, lacunas e oportunidades no ensino de finanças pessoais. O foco está na construção de hábitos que favoreçam a autonomia financeira e o preparo para o futuro.

O grupo investigado é formado por jovens em momentos decisivos da vida, como a conclusão do ensino médio, início da universidade ou entrada no mercado de trabalho. O objetivo é compreender como o conhecimento financeiro recebido, seja por vias formais ou informais, influencia escolhas como poupança, investimento, consumo e uso do crédito.

A importância do tema pode ser resumida em três aspectos centrais:

- **Racionalidade de decisão:** Jovens financeiramente instruídos tendem a adotar decisões mais conscientes, contribuindo para uma sociedade mais estável e próspera.

- **Prevenção do endividamento:** A ausência de orientação financeira é uma das principais causas de inadimplência entre os jovens, o que reforça a necessidade de intervenções educativas.
- **Inclusão social:** O domínio de conceitos financeiros permite que indivíduos de diferentes realidades sociais melhorem sua qualidade de vida e ampliem suas oportunidades.

Além de mapear a realidade atual da Educação Financeira entre os jovens brasileiros, o estudo pretende identificar lacunas e propor soluções práticas que possam ser adotadas por educadores, formuladores de políticas públicas e outros agentes sociais.

Quanto à estrutura, este trabalho está organizado da seguinte forma: além desta introdução, apresenta-se o referencial teórico, que aborda os principais conceitos relacionados à Educação Financeira. Em seguida, detalha-se a metodologia utilizada na pesquisa. Posteriormente, são descritos os procedimentos da pesquisa de campo, seguidos pela análise dos resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as conclusões, encerrando o estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O conhecimento financeiro é amplamente reconhecido como um pilar essencial para o desenvolvimento econômico individual no século XXI. Ele influencia diretamente a capacidade dos indivíduos de planejar o futuro, evitar o endividamento desnecessário e realizar investimentos de forma consciente. Segundo Lusardi e Mitchell (2014), a ausência de uma formação sólida nesse campo pode comprometer significativamente a construção de estratégias financeiras sustentáveis, como a diversificação de investimentos — prática fundamental para garantir segurança financeira na aposentadoria e gerar renda ao longo da vida adulta.

Estudos recentes apontam que jovens com maior nível de conhecimento financeiro tendem a adotar comportamentos econômicos mais positivos, como o hábito da poupança, o controle dos gastos e a busca por alternativas de investimento (Silva *et al.*, 2021). Entretanto, o nível de Educação Financeira entre jovens brasileiros ainda é considerado baixo, o que dificulta o planejamento de longo prazo e contribui para a vulnerabilidade econômica dessa parcela da população (OCDE, 2020).

No contexto do planejamento para a aposentadoria, Merton (2005) enfatiza que iniciar os investimentos desde cedo é crucial, uma vez que os benefícios dos juros compostos se potencializam ao longo do tempo. Essa ideia é corroborada por estudos nacionais que demonstram uma relação direta entre o conhecimento financeiro e a adoção de estratégias eficazes de acumulação de capital.

Contudo, a Educação Financeira não se resume ao domínio técnico sobre produtos financeiros. Conforme destacam Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014), ela deve ser compreendida como um processo contínuo, que exige prática constante, reforço comportamental e conexão com o cotidiano dos indivíduos. Nesse sentido, a formação de hábitos financeiros saudáveis passa também por aspectos emocionais e psicológicos.

A teoria comportamental proposta por Kahneman (2012), em sua obra *Rápido e devagar*, oferece uma importante contribuição para entender como os vieses cognitivos afetam as decisões financeiras — especialmente entre os jovens, que, muitas vezes, tomam decisões impulsivas, sem reflexão racional. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre a importância de uma Educação Financeira que promova também o autoconhecimento e a autorregulação emocional.

Nos últimos anos, movimentos como o FIRE (*Financial Independence, Retire Early*) vêm ganhando destaque, especialmente entre os mais jovens. Sabatier (2020), um dos principais defensores dessa filosofia, argumenta que alcançar a independência financeira exige não apenas disciplina e planejamento, mas também o domínio de conceitos como risco, rentabilidade, liquidez e diversificação.

Apesar da crescente valorização do tema, a realidade brasileira ainda apresenta importantes lacunas educacionais. Segundo pesquisa do SPC Brasil e da CNDL (2019), 58% dos brasileiros adultos não tiveram qualquer tipo de contato com Educação Financeira durante a vida escolar. Essa deficiência tem sido associada a altos índices de inadimplência e à dificuldade de adoção de hábitos financeiros preventivos e sustentáveis.

Nesse contexto, Atkinson e Messy (2012) defendem que a Educação Financeira deve ir além da mera transmissão de conteúdo teórico, englobando habilidades práticas e atitudes comportamentais capazes de transformar o modo como as pessoas se relacionam com o dinheiro. Mandell e Klein (2009), por sua vez,

demonstraram que a inserção de conteúdos de finanças pessoais no currículo escolar pode ter impacto duradouro sobre os comportamentos econômicos dos jovens, aumentando sua capacidade de poupar e planejar o futuro.

No Brasil, Souza e Costa (2020) investigaram a eficácia de programas de Educação Financeira em escolas de ensino médio e observaram melhora significativa nos hábitos de poupança e consumo consciente entre os estudantes que tiveram acesso a esse conteúdo. Huston (2010), por sua vez, alerta para a necessidade de considerar as especificidades culturais e socioeconômicas na elaboração de programas educacionais, especialmente em países marcados por desigualdades estruturais, como o Brasil.

Teixeira (2016) reforça que o fortalecimento da Educação Financeira é indispensável para formar cidadãos conscientes e preparados para lidar com os desafios econômicos da vida adulta. Nesse sentido, escolas, famílias e o Estado devem atuar de forma articulada, garantindo a continuidade e eficácia das ações educativas.

Dessa forma, a Educação Financeira emerge como uma ferramenta estratégica para promover autonomia, inclusão social e equilíbrio econômico. Este estudo, portanto, propõe-se a investigar como esse conhecimento influencia as decisões econômicas dos jovens brasileiros, identificando lacunas existentes e apontando caminhos para o aprimoramento da formação financeira dessa população.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa e quantitativa, combinando métodos descritivos e exploratórios, conforme a classificação proposta por Vergara (1998). Essa escolha metodológica permitirá uma compreensão aprofundada sobre o impacto da Educação Financeira nas decisões econômicas dos jovens brasileiros.

Inicialmente, será realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada em livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e publicações de instituições relevantes. O objetivo dessa etapa é reunir fundamentos teóricos sobre o tema, contextualizar o problema de pesquisa, identificar lacunas existentes na literatura e embasar a análise dos dados empíricos.

Posteriormente, será conduzida uma pesquisa de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas com 72 jovens de 18 a 29 anos, sem critérios específicos de seleção. Essa abordagem visa captar diferentes percepções e experiências sobre Educação Financeira, permitindo maior flexibilidade nas respostas dos participantes.

A amostragem será não probabilística por conveniência, envolvendo participantes acessíveis e dispostos a colaborar com a pesquisa. A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas presenciais ou virtuais, e os depoimentos serão transcritos e analisados qualitativamente. A análise buscará identificar padrões, recorrências e divergências nas opiniões dos jovens, promovendo uma reflexão crítica sobre a eficácia da Educação Financeira e suas implicações em suas decisões econômicas.

4 PESQUISA DE CAMPO

Para analisar a situação financeira de um grupo composto por setenta e duas pessoas, foi elaborado um questionário contendo dezessete perguntas objetivas, fundamentadas nos conceitos dos autores estudados e alinhadas à problemática da pesquisa, com o intuito de garantir a qualidade e a relevância das respostas obtidas.

A fim de proporcionar um ambiente confortável e seguro para os participantes, o questionário foi aplicado de forma anônima, não solicitando qualquer identificação pessoal. Dessa maneira, foram coletados apenas dados estatísticos para análise, evitando interferências do pesquisador e assegurando que os respondentes pudessem responder com total liberdade e sinceridade.

As cinco primeiras perguntas tiveram como objetivo traçar o perfil sociodemográfico do grupo, permitindo uma análise estatística inicial. Já as questões subsequentes foram direcionadas a avaliar o nível de conhecimento do grupo acerca da Educação Financeira, considerando a base teórica acumulada ao longo do estudo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta a análise dos dados obtidos por meio da pesquisa aplicada com jovens entre 18 e 29 anos, com o objetivo de compreender como a Educação Financeira influencia suas decisões econômicas. A partir das respostas ao questionário, foram investigados aspectos como o comportamento financeiro, o nível

de conhecimento sobre finanças pessoais, hábitos de consumo, poupança e investimentos. A análise dos resultados busca identificar padrões, lacunas e desafios enfrentados por esse público, contribuindo para a reflexão sobre a eficácia das iniciativas de Educação Financeira atualmente disponíveis.

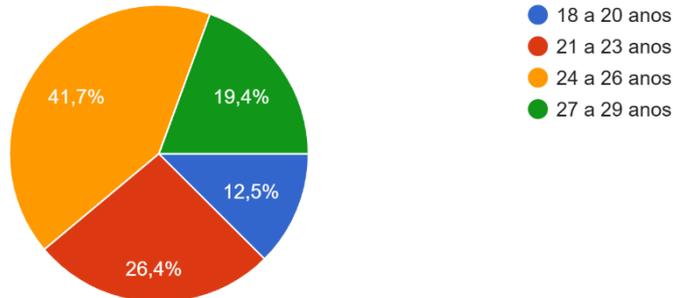
5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

As questões de número 1 a 5 foram elaboradas com a finalidade de identificar o perfil dos participantes da pesquisa.

Perguntas 1, 2 e 3: Qual a sua idade, sexo e escolaridade?

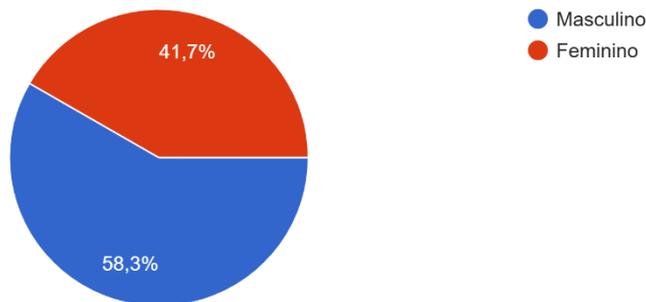
A pesquisa revelou que 100% dos entrevistados estão na faixa etária de 18 a 29 anos, sendo a maioria (41,7%) entre 24 e 26 anos, seguidos por 26,4% com idades entre 21 e 23 anos, 19,4% entre 27 e 29 anos e 12,5% entre 18 e 20 anos (Gráfico 1). Esse perfil caracteriza um público jovem, em fase de transição para a vida adulta, etapa em que as decisões financeiras ganham maior relevância. Quanto ao sexo, 58,3% dos participantes se identificaram como do sexo masculino e 41,7% como do sexo feminino, demonstrando uma leve predominância masculina, mas com representatividade significativa de ambos os gêneros (Gráfico 2). Já em relação à escolaridade, a maioria possui Ensino Superior incompleto (58,3%), 26,4% concluíram o Ensino Superior, 12,5% possuem Ensino Médio completo, e apenas 2,8% estão cursando uma Pós-graduação, sem registros de Ensino Médio incompleto (Gráfico 3). Esse panorama evidencia um grupo majoritariamente inserido no meio universitário, com potencial para adotar práticas financeiras mais conscientes. Diante disso, reforça-se a importância da Educação Financeira como ferramenta essencial para estimular hábitos saudáveis de consumo, planejamento e investimento entre os jovens, independentemente do sexo, contribuindo para uma vida financeira mais equilibrada e sustentável.

Gráfico 1: Dados estatísticos referentes à pergunta 1



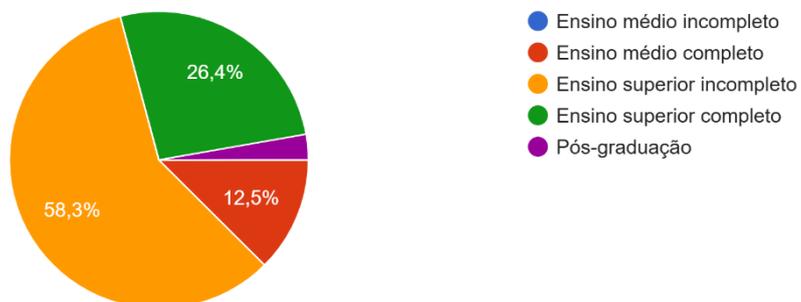
Fonte: Dados da pesquisa, 2025.³

Gráfico 2: Dados estatísticos referentes à pergunta 2



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁴

Gráfico 3: Dados estatísticos referentes à pergunta 3



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁵

³ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

⁴ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

⁵ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Pergunta 4: Você atualmente:

Como pode ser observado no Gráfico 4, a maior parte dos entrevistados afirmou que estuda e trabalha simultaneamente, representando 54,2% das respostas. Esse dado é especialmente relevante, pois evidencia uma realidade bastante comum entre jovens e adultos que buscam conciliar a formação acadêmica com a inserção no mercado de trabalho, seja para adquirir experiência profissional ou para complementar a renda familiar.

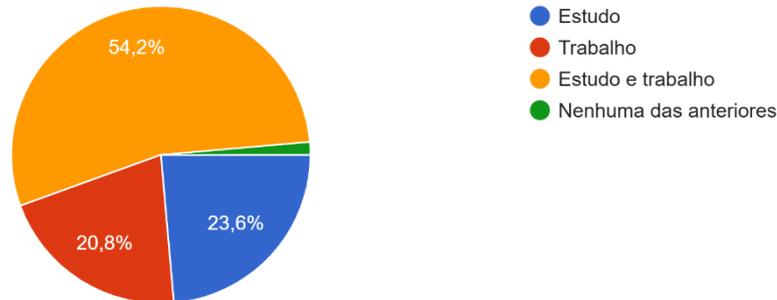
Em seguida, 23,6% dos respondentes declararam que apenas estudam, enquanto 20,8% indicaram que apenas trabalham. Por fim, uma pequena parcela, 1,4%, afirmou que não se enquadra em nenhuma das alternativas anteriores, podendo representar pessoas que, no momento, não estão vinculadas a atividades formais de estudo ou emprego.

Esses dados indicam que a maioria dos participantes precisa gerenciar simultaneamente múltiplas demandas, como a administração do tempo, das responsabilidades acadêmicas e profissionais, além da gestão financeira pessoal. Essa condição pode impactar significativamente a forma como lidam com o dinheiro, visto que muitos precisam equilibrar receitas provenientes de estágios, bolsas ou empregos temporários, ao mesmo tempo em que enfrentam despesas relacionadas aos estudos e ao custo de vida.

Além disso, a presença de um número expressivo de estudantes reforça a importância de oferecer orientações e capacitações em Educação Financeira, preparando esse público para tomar decisões mais conscientes sobre o uso de seus recursos, mesmo dentro de uma rotina atribulada.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de políticas educacionais e sociais que promovam práticas financeiras responsáveis desde cedo, especialmente entre aqueles que já ingressam no mercado de trabalho enquanto ainda estudam. Tais iniciativas podem contribuir para a redução do endividamento, a formação de hábitos saudáveis de poupança e o fortalecimento da autonomia financeira desse grupo.

Gráfico 4: Dados estatísticos referentes à pergunta 4



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁶

Pergunta 5: Você tem renda mensal fixa?

Como pode ser observado no Gráfico 5, a maioria dos entrevistados, correspondendo a 75% do total, declarou possuir uma renda mensal fixa, enquanto 25% informaram não contar com essa estabilidade financeira. Esses dados indicam que a maior parte dos participantes tem uma fonte de receita regular, o que pode proporcionar uma maior previsibilidade na gestão financeira pessoal.

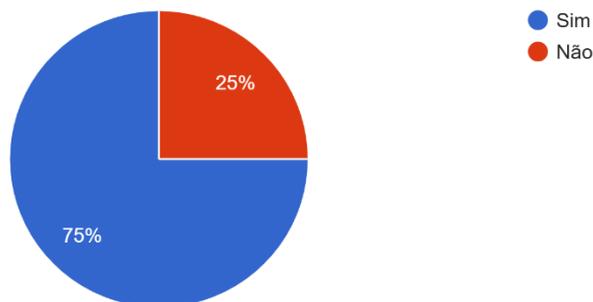
A existência de uma renda fixa é um fator importante para o planejamento orçamentário, pois permite que o indivíduo estabeleça metas financeiras mais concretas e acompanhe seus gastos com maior precisão. Contudo, é fundamental destacar que a estabilidade da renda não necessariamente se traduz em uma boa administração dos recursos financeiros. Estudos apontam que o acesso à Educação Financeira exerce papel decisivo no comportamento financeiro dos indivíduos, influenciando sua capacidade de poupar, investir e tomar decisões conscientes diante das diversas demandas econômicas do cotidiano (Lusardi; Mitchell, 2014).

Por outro lado, o grupo de entrevistados sem renda fixa enfrenta desafios adicionais na organização de suas finanças pessoais. A imprevisibilidade dos ganhos exige um planejamento financeiro mais rigoroso e flexível, que contemple a construção de reservas de emergência e a adoção de estratégias para lidar com oscilações de receita. Sem esse cuidado, há maior risco de endividamento e dificuldade em manter um padrão de vida sustentável (Silva, 2019).

⁶ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Dessa forma, os resultados reforçam a importância de políticas e programas de Educação Financeira que sejam inclusivos e considerem diferentes perfis de renda, visando proporcionar ferramentas adequadas para que indivíduos, independentemente da estabilidade de sua receita, possam alcançar maior autonomia e segurança financeira.

Gráfico 5: Dados estatísticos referentes à pergunta 5



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁷

5.2 PERGUNTAS RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO FINANCEIRO

As questões de números 6 a 17 tiveram como finalidade investigar os hábitos e práticas financeiras dos respondentes, abrangendo aspectos como controle de gastos, hábitos de poupança e familiaridade com investimentos.

Pergunta 6: Como você classifica sua relação com o dinheiro?

O Gráfico 6 revela que 51,4% dos participantes avaliam sua relação com o dinheiro como organizada, o que sugere uma percepção predominante de controle financeiro pessoal. Esse dado é relevante, pois a organização financeira está associada a práticas como o acompanhamento de receitas e despesas, estabelecimento de metas e planejamento orçamentário, que são fundamentais para a saúde financeira do indivíduo (Gitman, 2018).

Entretanto, 25% dos entrevistados se consideram com uma relação pouco organizada com o dinheiro, indicando que ainda enfrentam dificuldades para implementar um planejamento financeiro adequado. Essa parcela expressiva

⁷ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

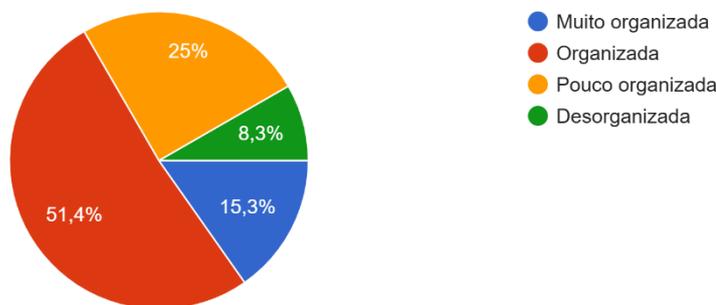
evidencia a necessidade de estratégias direcionadas para melhorar o conhecimento e as habilidades financeiras, uma vez que a falta de organização pode comprometer a capacidade de poupar, investir e lidar com imprevistos econômicos (Lusardi; Tufano, 2015).

Além disso, apenas 15,3% dos respondentes se classificam como muito organizados, demonstrando um grupo reduzido com alto nível de disciplina e controle financeiro. Essa minoria pode ser entendida como indivíduos com maior maturidade financeira e habilidade em gerenciar seus recursos, características que contribuem para a estabilidade e crescimento do patrimônio ao longo do tempo.

Por outro lado, 8,3% admitem ter uma relação desorganizada com o dinheiro, o que aponta para um segmento que provavelmente enfrenta desafios significativos na administração dos recursos financeiros. Para esses indivíduos, o acesso a programas de Educação Financeira pode ser decisivo para promover mudanças comportamentais, melhorar a tomada de decisões e reduzir riscos de endividamento (Silva; Souza, 2020).

Assim, o panorama apresentado pelo gráfico evidencia um cenário de relativa organização financeira entre a maioria dos participantes, mas também revela lacunas importantes. Isso reforça a necessidade de iniciativas educacionais e de suporte que estimulem o desenvolvimento contínuo de competências financeiras, adaptadas aos diferentes níveis de organização pessoal identificados na pesquisa.

Gráfico 6: Dados estatísticos referentes à pergunta 6



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁸

⁸ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Pergunta 7: Com que frequência você costuma fazer planejamento financeiro (anotar gastos, definir metas)?

O Gráfico 7 revela que a maioria dos respondentes (36,1%) afirmou que sempre realiza planejamento financeiro, adotando práticas como o registro de gastos, definição de metas e acompanhamento do orçamento pessoal. Esse resultado evidencia um nível considerável de conscientização sobre a importância dessas ações para a construção de uma vida financeira mais equilibrada e sustentável. O planejamento financeiro é fundamental para evitar o endividamento, fomentar a criação de reservas e permitir a realização de objetivos de curto, médio e longo prazo (Gitman, 2018).

Por outro lado, uma parcela expressiva dos participantes (33,3%) declarou que apenas às vezes realiza esse tipo de planejamento. Esse comportamento intermitente pode estar relacionado a fatores como falta de disciplina, ausência de conhecimento técnico ou mesmo à percepção equivocada de que o planejamento financeiro é complexo ou desnecessário (Lusardi; Mitchell, 2014). Tal cenário sugere que, embora exista alguma consciência sobre a importância do planejamento, ela ainda não se traduz em um hábito consolidado para uma parcela significativa dos respondentes.

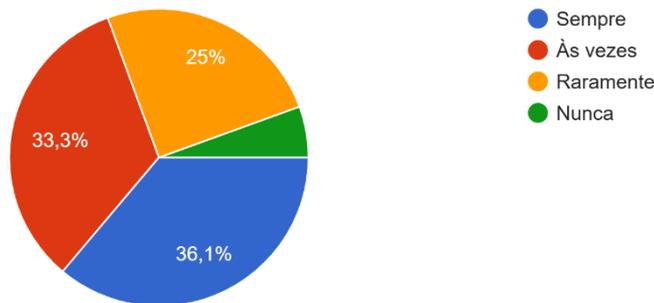
Além disso, 25% dos participantes informaram que raramente realizam planejamento financeiro, o que demonstra uma fragilidade importante no comportamento financeiro desse grupo. A ausência de planejamento torna esses indivíduos mais vulneráveis a imprevistos e dificulta a organização de suas finanças, comprometendo sua segurança econômica.

Por fim, uma pequena minoria (5,6%), representada pela menor fatia do gráfico, declarou que nunca realiza qualquer tipo de planejamento financeiro. Essa falta completa de organização financeira pode resultar em dificuldades significativas na gestão dos recursos, aumentando a probabilidade de inadimplência e de problemas relacionados à saúde financeira (Silva; Souza, 2020).

Diante desse panorama, os resultados apontam para a necessidade de reforçar a Educação Financeira, sobretudo entre aqueles que ainda não possuem o hábito regular de planejar e organizar suas finanças. A disseminação de informações e o estímulo ao desenvolvimento de competências financeiras são estratégias

essenciais para promover maior segurança, estabilidade econômica e autonomia entre os indivíduos.

Gráfico 7: Dados estatísticos referentes à pergunta 7



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.⁹

Pergunta 8: Você tem o hábito de poupar parte de sua renda?

O Gráfico 8 demonstra que a maioria dos respondentes (55,6%) afirmou ter o hábito de poupar regularmente, o que indica uma postura financeiramente consciente e preventiva em relação ao futuro.

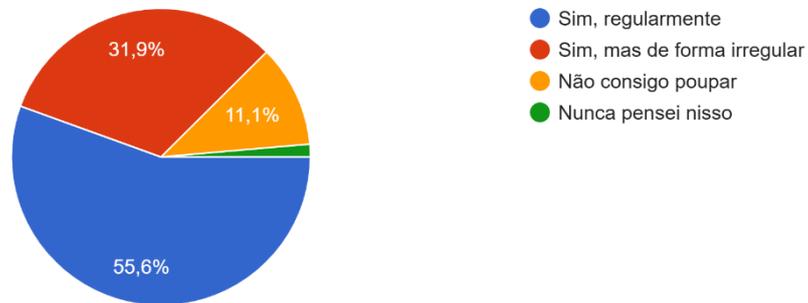
Entretanto, uma parcela significativa (31,9%) informou que poupa, mas de forma irregular, o que pode sinalizar a ausência de uma estratégia financeira bem definida ou dificuldades ocasionais para manter uma rotina de economia.

Além disso, 11,1% declararam que não conseguem poupar, o que pode estar relacionado a fatores como renda insuficiente, altos custos fixos ou falta de planejamento financeiro. Por fim, uma pequena minoria (1,4%) revelou que nunca pensou sobre o hábito de poupar, evidenciando a necessidade de iniciativas que estimulem a reflexão e a prática da Educação Financeira.

Esses dados reforçam a importância de promover ações educativas que auxiliem as pessoas a transformar o hábito de poupar em uma prática sistemática e consciente.

⁹ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Gráfico 8: Dados estatísticos referentes à pergunta 8



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁰

Pergunta 9: Quando realiza compras, você costuma:

O Gráfico 9 demonstra que metade dos respondentes (50%) afirmam que sua forma de consumir “depende da situação”, o que revela uma flexibilidade no comportamento de compra, variando conforme as circunstâncias. Já 38,9% dos participantes disseram que costumam planejar suas compras previamente, demonstrando um perfil mais racional e organizado ao consumir. Apenas 11,1% admitiram que compram por impulso, o que indica que o comportamento impulsivo é uma prática menos recorrente entre os entrevistados.

Os dados sugerem que, apesar de muitos se adaptarem ao contexto na hora de consumir, há uma predominância de atitudes mais conscientes, seja pelo planejamento ou pela avaliação situacional. No entanto, a presença do comportamento impulsivo, mesmo que minoritária, reforça a necessidade de promover Educação Financeira, especialmente sobre estratégias para evitar compras não planejadas que possam comprometer o orçamento pessoal.

¹⁰ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Gráfico 9: Dados estatísticos referentes à pergunta 9



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹¹

Pergunta 10: Você já teve alguma disciplina ou curso sobre Educação Financeira?

Conforme demonstrado no Gráfico 10, a maioria dos participantes (52,8%) afirmou nunca ter tido contato com uma disciplina ou curso sobre Educação Financeira. Esse dado é extremamente significativo, pois evidencia uma lacuna na formação educacional dos respondentes. A ausência de um ensino estruturado sobre finanças pessoais demonstra que esse tema, apesar de sua importância prática e cotidiana, ainda não ocupa um espaço consolidado no ambiente educacional formal.

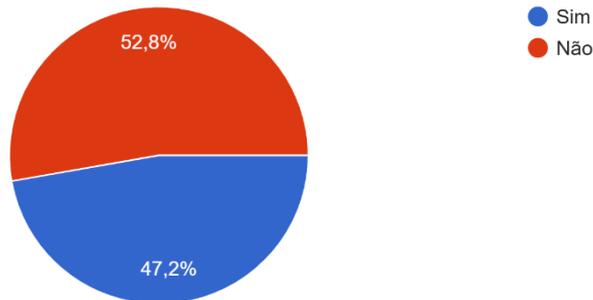
Por outro lado, 47,2% dos entrevistados relataram já ter participado de alguma disciplina ou curso sobre o tema, o que representa um indicativo positivo de que o assunto vem ganhando espaço. Contudo, esse percentual ainda é insuficiente para garantir que a totalidade dos indivíduos tenha acesso a informações e ferramentas essenciais para uma gestão financeira eficiente.

Esses resultados ressaltam, de maneira clara, a necessidade de políticas públicas e iniciativas privadas que promovam a inclusão da Educação Financeira no currículo escolar desde as etapas iniciais de ensino. Ao incorporar esse conhecimento na formação básica, amplia-se a capacidade dos futuros adultos de tomar decisões mais conscientes e responsáveis em relação ao dinheiro, prevenindo situações de endividamento, promovendo o hábito do planejamento financeiro e fortalecendo a saúde financeira pessoal e coletiva.

¹¹ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Além disso, a popularização de cursos extracurriculares ou programas de capacitação em finanças pode ser uma alternativa complementar para alcançar a parcela da população que, até o momento, não teve acesso a esse tipo de formação.

Gráfico 10: Dados estatísticos referentes à pergunta 10



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹²

Pergunta 11: Como você avalia seu conhecimento sobre finanças pessoais?

O Gráfico 11 revela que a maioria dos participantes se posiciona em níveis intermediários de conhecimento: 34,7% se consideram com um conhecimento "Bom" e outros 34,7% com um conhecimento "Regular". Esse dado sugere que, embora uma parcela expressiva da amostra tenha familiaridade com o tema, ainda não se sente plenamente confiante em sua capacidade de lidar com finanças pessoais de maneira avançada.

Além disso, chama atenção o fato de que 18,1% dos respondentes se classificaram como tendo um conhecimento "Ruim", enquanto 9,7% se consideram "Muito bons" nesse aspecto. Notamos que o percentual de pessoas que se sentem altamente preparadas é relativamente pequeno, o que evidencia uma lacuna na formação financeira mais aprofundada.

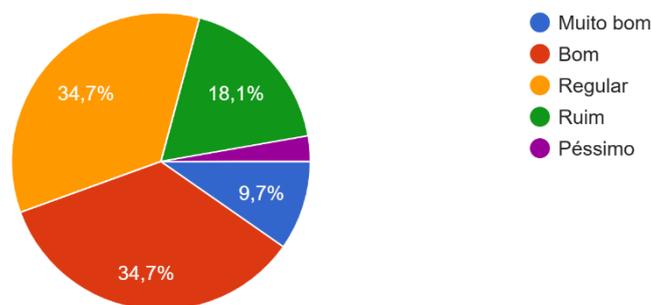
Por fim, um número muito reduzido de participantes (2,8%) avaliou seu conhecimento como "Péssimo", demonstrando que, embora poucos tenham uma percepção extremamente negativa sobre suas habilidades financeiras, ainda há um grupo que se sente despreparado.

¹² Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Esse panorama evidencia a necessidade contínua de investir em ações de Educação Financeira, capazes de transformar o conhecimento básico ou regular em habilidades mais robustas e estratégicas. A ampliação dessa competência pode contribuir diretamente para uma tomada de decisões mais consciente e eficiente, impactando positivamente na saúde financeira e no bem-estar dos indivíduos.

Além disso, o fato de que poucos se consideram "Muito bons" sugere que, mesmo aqueles que possuem algum domínio do tema, reconhecem a complexidade das finanças pessoais e a importância de aprender continuamente, especialmente em um cenário econômico cada vez mais dinâmico.

Gráfico 11: Dados estatísticos referentes à pergunta 11



Fonte: dados da pesquisa, 2025.¹³

Pergunta 12: Você conhece ou já ouviu falar sobre investimentos (como Tesouro Direto, ações, CDB)?

O Gráfico 12 ilustra o nível de conhecimento e de participação dos respondentes em investimentos, como Tesouro Direto, ações e CDBs. Observa-se que a maioria dos participantes (51,4%) afirmou que conhece e já investe atualmente, indicando um grau significativo de familiaridade com o mercado financeiro e, possivelmente, uma maior busca por alternativas de aplicação que permitam não apenas proteger, mas também rentabilizar o patrimônio ao longo do tempo. Esse dado demonstra uma tendência positiva em direção ao fortalecimento da cultura de investimentos entre os respondentes, um comportamento essencial para o desenvolvimento da autonomia financeira (Gitman, 2018).

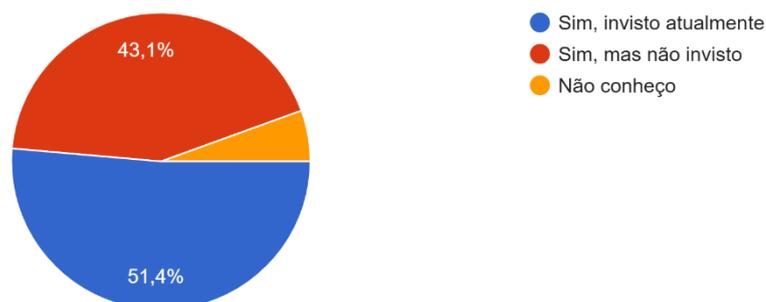
¹³ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Por outro lado, uma parcela também expressiva (43,1%) afirmou conhecer esses instrumentos, mas ainda não investe. Esse grupo evidencia que, embora haja acesso à informação, a tomada de decisão para aplicar recursos financeiros ainda não ocorreu. Tal situação pode ser explicada por fatores como aversão ao risco, falta de conhecimento técnico mais aprofundado ou insegurança sobre a escolha das melhores opções de investimento (Lusardi & Mitchell, 2014).

Além disso, apenas uma pequena minoria dos participantes (representada pela fatia de 5,5%, correspondente à cor laranja) declarou não conhecer nenhum dos produtos financeiros mencionados. Esse dado, embora minoritário, revela que ainda existe um grupo que carece de informações básicas sobre alternativas de investimento, o que reforça a importância de programas de Educação Financeira que ampliem o acesso ao conhecimento e estimulem a inclusão no mercado de capitais.

Assim, o gráfico evidencia um cenário em que a maioria dos respondentes já possui algum nível de contato com investimentos, seja de forma prática ou teórica, mas também aponta para a necessidade de ações que reduzam as barreiras para aqueles que ainda não investem e que ampliem o alcance das informações para quem ainda desconhece essas possibilidades.

Gráfico 12: Dados estatísticos referentes à pergunta 12



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁴

Pergunta 13: Se você perdesse sua renda hoje, por quanto tempo conseguiria manter suas despesas?

¹⁴ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

O Gráfico 13 aborda a capacidade dos respondentes de manter suas despesas caso perdessem a sua fonte de renda atualmente. A maior parte dos participantes (41,7%) indicou que conseguiria sustentar suas despesas por um período entre 1 e 3 meses, demonstrando uma certa preparação financeira para lidar com imprevistos de curto prazo. Esse comportamento pode estar associado à existência de uma reserva de emergência ou ao hábito de manter alguma poupança preventiva (Gitman, 2018).

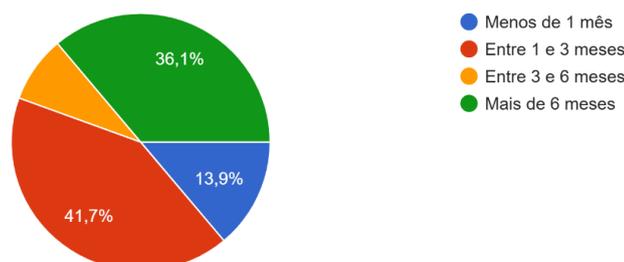
Em seguida, 36,1% afirmaram que conseguiriam manter suas despesas por mais de 6 meses, evidenciando um grupo com maior solidez e planejamento financeiro, capaz de suportar adversidades econômicas por um período mais prolongado. Esse dado é bastante positivo e demonstra a adoção de práticas financeiras saudáveis, como o fortalecimento de reservas e investimentos de longo prazo.

Por outro lado, 13,9% dos participantes relataram que conseguiriam arcar com suas despesas por menos de um mês. Esse dado revela uma fragilidade financeira significativa, indicando a necessidade urgente de estratégias de educação e planejamento financeiro para ampliar a segurança econômica dessas pessoas.

Além disso, 8,3% responderam que conseguiriam manter as despesas entre 3 e 6 meses, constituindo um grupo intermediário em termos de preparação financeira.

De modo geral, os dados indicam que, embora uma parte relevante dos respondentes demonstre alguma capacidade de lidar com a perda de renda, ainda há uma parcela vulnerável que precisa ser orientada quanto à importância da construção de uma reserva de emergência adequada, visando maior estabilidade e tranquilidade em situações adversas.

Gráfico 13: Dados estatísticos referentes à pergunta 13



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁵

¹⁵ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Pergunta 14: Você já ficou inadimplente?

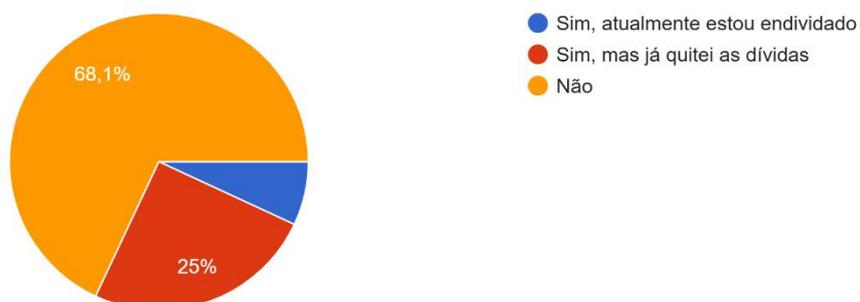
O Gráfico 14 revela que a maioria dos respondentes (68,1%) nunca ficou inadimplente, o que demonstra um comportamento financeiro relativamente prudente, com a prevenção do endividamento como estratégia para complementar a renda ou realizar consumos imediatos. Esse resultado pode estar associado ao acesso à Educação Financeira e à adoção de práticas de consumo consciente (Assaf Neto, 2019).

Por outro lado, 25% dos participantes afirmaram que já ficaram endividados, mas conseguiram quitar suas dívidas. Esse dado sugere que, apesar de terem enfrentado dificuldades financeiras em algum momento, foram capazes de reorganizar suas finanças e superar o problema, indicando um nível relevante de resiliência e capacidade de gestão financeira.

Já 6,9% relataram que, atualmente, ainda se encontram endividados, o que evidencia a existência de um grupo em situação de vulnerabilidade, possivelmente com dificuldades para equilibrar receitas e despesas. Esse cenário reforça a importância de políticas públicas e ações educativas voltadas ao fortalecimento da Educação Financeira, com o objetivo de oferecer ferramentas que permitam a negociação e quitação de dívidas, bem como a prevenção do superendividamento.

De modo geral, o gráfico evidencia que, embora a maioria esteja livre de dívidas, uma parcela significativa da amostra já vivenciou ou ainda enfrenta esse desafio, o que destaca a relevância do tema na vida financeira dos indivíduos.

Gráfico 14: Dados estatísticos referentes à pergunta 14



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁶

¹⁶ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Pergunta 15: O que mais dificulta a criação de uma reserva financeira?

O Gráfico 15 aponta que a principal dificuldade para a criação de uma reserva financeira entre os respondentes está na falta de planejamento, mencionada por 41,7% deles. Esse dado evidencia como a ausência de organização financeira e de metas claras pode comprometer a capacidade de poupar e garantir segurança para imprevistos.

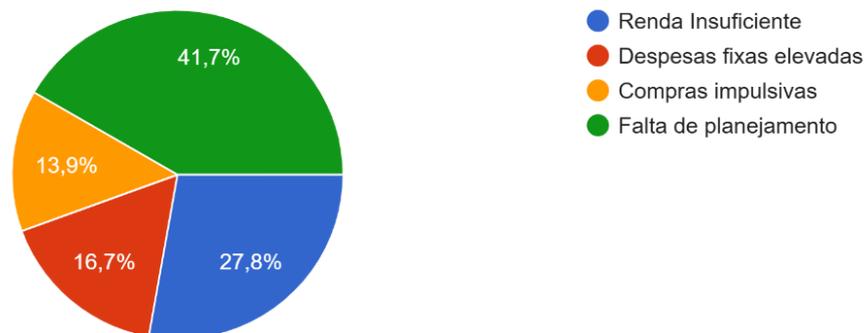
Em seguida, 27,8% afirmaram que a renda insuficiente é o maior obstáculo. Esse resultado reforça a ideia de que, para uma parte considerável dos participantes, mesmo com organização, a limitação de recursos inviabiliza a formação de uma reserva.

Outros 16,7% indicaram que as despesas fixas elevadas dificultam esse processo, demonstrando como compromissos financeiros constantes e obrigatórios podem limitar a margem para economias.

Por fim, 13,9% relataram que as compras impulsivas são o fator que mais atrapalha a criação da reserva, evidenciando a influência do comportamento de consumo e da falta de autocontrole financeiro.

Esses dados ressaltam a importância de ações educativas voltadas tanto para o desenvolvimento de competências em planejamento financeiro, quanto para o estímulo de práticas de consumo consciente, visando aumentar a capacidade de formação de reservas entre os indivíduos.

Gráfico 15: Dados estatísticos referentes à pergunta 15



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁷

¹⁷ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Pergunta 16: Na sua opinião, a Educação Financeira deveria ser ensinada:

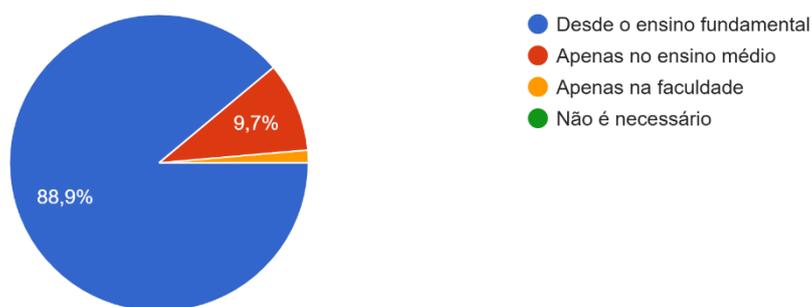
O Gráfico 16 revela uma percepção praticamente unânime entre os respondentes sobre a importância da Educação Financeira ser ensinada desde o ensino fundamental, opção escolhida por 88,9% dos participantes. Esse dado demonstra uma clara conscientização de que o aprendizado sobre finanças deve começar precocemente, preparando as crianças e adolescentes para lidar melhor com o dinheiro ao longo da vida.

Além disso, 9,7% acreditam que esse ensino deveria ocorrer apenas no ensino médio, sugerindo uma visão de que o tema deve ser abordado em uma fase posterior, mas ainda antes da entrada na vida adulta.

Apenas uma minoria insignificante (1,4%) considera que a Educação Financeira deveria ser ensinada apenas na faculdade ou que não é necessária, o que reforça a percepção generalizada sobre a importância desse tipo de conhecimento.

Esse resultado evidencia o entendimento coletivo de que a Educação Financeira é uma ferramenta essencial para promover autonomia, responsabilidade e melhores decisões econômicas desde a infância.

Gráfico 16: Dados estatísticos referentes à pergunta 16



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁸

Pergunta 17: Considera que a falta de Educação Financeira influencia negativamente as decisões econômicas dos jovens?

O Gráfico 17 evidencia que a maioria expressiva dos respondentes acredita que a falta de Educação Financeira influencia negativamente as decisões econômicas dos jovens. Para 77,8% dos participantes, essa influência é total, o que demonstra

¹⁸ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

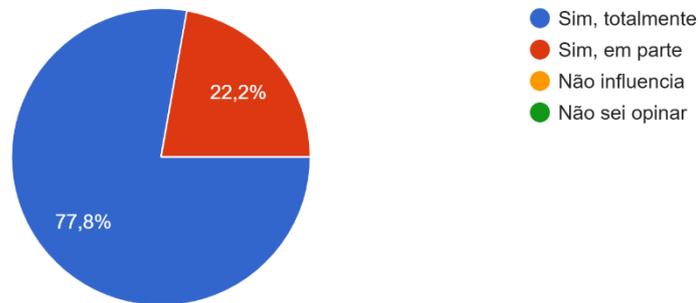
uma percepção clara de que a ausência de conhecimento financeiro compromete significativamente a capacidade dos jovens de tomar decisões adequadas relacionadas ao dinheiro.

Além disso, 22,2% consideram que a influência ocorre, mas apenas em parte, indicando que, embora reconheçam o impacto, acreditam que outros fatores também podem influenciar o comportamento econômico juvenil.

Nenhum respondente afirmou que a falta de Educação Financeira não influencia ou que não sabe opinar, reforçando o consenso sobre a importância desse conhecimento como um elemento essencial para melhorar a saúde financeira dos jovens.

Esse resultado fortalece ainda mais a necessidade de políticas públicas e ações educacionais voltadas para o desenvolvimento da Educação Financeira desde os primeiros anos escolares.

Gráfico 17: Dados estatísticos referentes à pergunta 17



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.¹⁹

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Financeira representa muito mais do que uma simples habilidade de economizar ou acumular patrimônio; ela se configura como um pilar fundamental para assegurar qualidade de vida, bem-estar e segurança nas decisões econômicas ao longo de toda a trajetória pessoal e profissional. Trata-se de um conhecimento que transcende a dimensão técnica, atuando diretamente na construção da autonomia e no fortalecimento da cidadania financeira.

¹⁹ Elaborado pelo autor a partir dos dados coletados via Google Forms, 2025.

Apesar dessa importância incontestável, os dados apresentados neste estudo confirmam que muitos jovens brasileiros ainda não priorizam o planejamento financeiro em seu cotidiano. Em geral, esse comportamento tende a se manifestar de forma reativa, ou seja, o jovem só passa a buscar orientações ou desenvolver hábitos financeiros mais responsáveis diante de situações críticas, como o endividamento, a falta de recursos para emergências ou até mesmo a necessidade de sustentar-se sem apoio familiar. Esse comportamento evidencia uma lacuna significativa no processo de formação e desenvolvimento de competências essenciais para a vida adulta.

A análise dos gráficos revelou, por exemplo, que grande parte dos jovens não possui reservas financeiras suficientes para manter suas despesas por mais de três meses em caso de perda da renda, além de um índice elevado de endividamento e a percepção generalizada de que a falta de Educação Financeira prejudica as decisões econômicas. Esses elementos reforçam a ideia de que a ausência de Educação Financeira sistemática impacta diretamente a segurança econômica e emocional dos jovens, criando um ciclo de vulnerabilidade difícil de romper.

Neste contexto, destaca-se a necessidade imperiosa de que a Educação Financeira seja introduzida de forma estruturada desde os primeiros anos de escolarização. As instituições educacionais devem assumir um papel protagonista nesse processo, promovendo práticas pedagógicas que estimulem o desenvolvimento de competências financeiras, como o planejamento, a organização, a tomada de decisão consciente e o consumo responsável.

Além disso, os órgãos públicos e as entidades financeiras também possuem um papel crucial na formulação de políticas públicas que incentivem a inclusão da Educação Financeira nos currículos escolares, bem como na oferta de programas e materiais acessíveis à população. A atuação conjunta desses agentes é indispensável para a criação de um ecossistema educativo e social que valorize o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis, contribuindo para a prevenção de situações de endividamento precoce e vulnerabilidade econômica.

Por fim, é imprescindível que novos estudos sejam continuamente realizados para aprofundar a compreensão sobre os impactos da Educação Financeira nas escolhas econômicas dos jovens. Pesquisas futuras podem, por exemplo, explorar a eficácia de diferentes metodologias de ensino, o papel das tecnologias digitais nesse

processo e o impacto das políticas públicas de Educação Financeira no longo prazo. Esse aprofundamento permitirá identificar estratégias mais eficazes e inovadoras para fortalecer a autonomia, a responsabilidade e a segurança financeira da juventude brasileira, promovendo assim uma sociedade mais consciente, resiliente e economicamente saudável.

Apesar dos resultados alcançados, é importante reconhecer algumas limitações desta pesquisa. O estudo foi conduzido com base em um recorte específico de jovens, o que pode restringir a generalização dos dados para a totalidade da população jovem brasileira. Além disso, as respostas foram obtidas por meio de um questionário autodeclarado, o que pode ter influenciado a veracidade ou profundidade de algumas informações. Fatores culturais, regionais e socioeconômicos também podem impactar a relação dos jovens com a educação financeira, e não foram explorados com a devida amplitude. Dessa forma, futuras pesquisas poderão ampliar a amostra, diversificar as metodologias e explorar outras variáveis que influenciam as decisões econômicas dos jovens no Brasil.

ABSTRACT

Financial Education is essential for developing individuals' ability to manage their resources consciously, promoting more balanced decisions regarding consumption, saving, and investments, while also contributing significantly to an improved quality of life. Despite its importance, many young people still face difficulties in financial management, which can lead to indebtedness and compromise their economic well-being. In this context, the present study aimed to analyze the impact of Financial Education on the economic decisions of Brazilian youth, seeking to understand how this knowledge influences their behavior related to income, expenses, saving, and investing. This descriptive study was conducted with a sample of 72 participants, predominantly young individuals between 18 and 29 years old. Data were collected through a questionnaire containing 17 questions, addressing sociodemographic aspects, financial behavior, level of knowledge, and economic decision-making. The results revealed significant gaps in the respondents' financial knowledge and poorly structured financial habits, particularly regarding financial planning and the establishment of an emergency fund. These findings underscore the urgent need to expand Financial Education initiatives, both within schools and across society in general, in order to empower young people to make more conscious and sustainable financial decisions. Furthermore, the results highlight the importance of conducting further studies to deepen the understanding of the subject and to propose effective strategies to reduce youth indebtedness and financial vulnerability.

Keywords: Financial Education. Economic Decisions. Youth. Indebtedness. Financial Planning. Conscious Consumption. Investments.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

ATKINSON, A.; MESSY, F. Measuring Financial Literacy: Results of the OECD INFE Pilot Study. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, n. 15, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS – CNDL. **Pesquisa nacional de Educação Financeira**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/pesquisas>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>. Acesso em: 2 jun. 2025.

GITMAN, L. J. **Principles of Managerial Finance**. 14. ed. Boston: Pearson, 2018.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x>. Acesso em: 2 jun. 2025.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jel.52.1.5>. Acesso em: 2 jun. 2025.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 14, n. 4, p. 332-368, 2015.

MANDELL, L.; KLEIN, L. S. The impact of financial education in high school and college on financial literacy and subsequent financial decision making. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1397421>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MERTON, R. C. The role of financial education in the pursuit of financial security and retirement. **OECD Working Papers on Insurance and Private Pensions**, n. 25, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/244270617187>. Acesso em: 2 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO – OCDE. **Resultados do PISA 2018: os estudantes são espertos com dinheiro?** Paris: OCDE, 2020. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/publications/pisa-2018-results-volume-iv-48ebd1ba-en.htm>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SABATIER, G. **Liberdade financeira: o caminho comprovado para todo o dinheiro que você vai precisar.** Tradução de Gustavo Piqueira. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC BRASIL). **Educação Financeira no Brasil: percepções e hábitos dos brasileiros.** São Paulo: SPC Brasil, 2019.

SILVA, A. B.; SOUZA, C. D. A importância da Educação Financeira para o controle do endividamento pessoal. **Revista de Educação Financeira**, v. 4, n. 2, p. 45-58, 2020.

SILVA, P. R. *et al.* Educação Financeira e o comportamento de investimento dos jovens: uma análise empírica. **Revista Brasileira de Finanças**, v. 19, n. 2, p. 1-18, 2021.

SOUZA, R. S.; COSTA, R. F. Educação Financeira nas escolas de ensino médio: uma análise da eficácia dos programas educacionais no Brasil. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, v. 14, n. 3, p. 387-406, 2020.

TEIXEIRA, W. C. **A inserção da Educação Financeira em um curso de serviço de Matemática Financeira para graduandos de um curso de Administração.** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.